

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Campanha de Flávio está sem comando

A briga entre o pré-candidato do PL a presidente da República, senador Flávio Bolsonaro (RJ), e sua madrastra, Michelle Bolsonaro, revelou um problema praticamente sem solução na campanha eleitoral: falta comando e quem possa assumir esse papel.

Há uma figura que seria o nome natural para a função: o ex-presidente Jair Bolsonaro. Mas, as limitações impostas pela prisão domiciliar impedem que ele exerça esse comando.

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro é quem tem mais acesso ao marido. Poderia fazer a intermediação entre ele e o resto da campanha. Mas a briga com Flávio mostrou que Michelle tem interesses próprios no jogo político do partido. Portanto, não possui isenção suficiente para ser a linha de ligação da campanha com o chefe.

O mesmo se aplica a Flávio Bolsonaro. Para fazer dele o candidato do partido, o pai teve que lhe entregar uma carta e mandar que ele mesmo a distribuisse. Esperava-se que Flávio comandasse a campanha, mas a briga com Michelle mostrou que ele não tem reconhecimento no partido para o comando. E o clã não deixa ninguém ter essa autoridade, nem mesmo o presidente nacional da legenda, Valdemar Costa Neto.

Mas a campanha tem um chefe oficial. Trata-se do senador Rogério Marinho (PL-RN). Alguém tem ouvido falar dele? Teria Marinho condição para apartar a briga entre Flávio e Michelle? Ele próprio sabe que não e, por isso, afastou-se da história.

Não há comando na campanha e o ex-pre-

sidente Jair Bolsonaro, que poderia comandar, não tem a mínima condição de fazê-lo de sua prisão domiciliar. E não tem ninguém em quem a família e o partido confiem que possa exercer o papel de “voz de Bolsonaro”.

Se fosse uma família tranquila, que não saísse por aí contratando animosidades, tudo bem. Mas quem vai colocar freios em Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Flávio Bolsonaro e, até, Michelle Bolsonaro?

Para piorar, eles também se cercam de figuras nada tranquilas. Como foram, no governo Bolsonaro, o guru bolsonarista Olavo de Carvalho, o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub e as ex-deputadas Joice Hasselmann e Carla Zambelli. Esta última, agora presa na Itália, correu atrás de um opositor no Brasil com revólver em punho. Segundo Jair Bolsonaro, lhe custou votos decisivos.

Agora entrou na história um novo guru dos filhos de Bolsonaro, o blogueiro Paulo Figueiredo, filho do último presidente do período de ditadura militar, o general João Batista de Oliveira Figueiredo.

Parlamentares do PL atribuem à intervenção de Paulo Figueiredo boa parte da culpa pelo prejuízo que a briga de Flávio com Michelle trará à campanha eleitoral.

Ao se afastar do PL-Mulher disparando tiros contra a humilhação imposta por Flávio e a misoginia de Paulo Figueiredo, a evangélica Michelle Bolsonaro atingiu a campanha onde mais dói: no voto feminino e dos evangélicos.

Em linguagem chula, Figueiredo citou os pelos pubianos das mulheres e acusou-as de não saber votar. Disse que feministas como a primeira-dama são marxistas. Irônico, acusou-a de ter dado uma “bela ajuda” a Flávio. Na verdade, ele é quem deu uma “bela ajuda” aos adversários.

MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

Milagre Colombiano

A Colômbia vive uma sintonia entre história política e paixão esportiva. Enquanto a seleção exibe rigor tático na Copa do Mundo de 2026, as urnas consagraram uma virada histórica: a eleição de Abelardo de la Espriella à presidência, consolidando a guinada à direita que redesenha o tabuleiro geopolítico da América Latina. No epicentro dessa catarse, a camisa amarela da seleção converteu-se no maior símbolo de disputa e identidade nacional. A tentativa da esquerda de judicializar a vestimenta provou-se um erro estratégico. Ao apropriar-se do amarelo, De la Espriella decodificou o sentimento de uma maioria silenciosa cansada de associar os símbolos pátrios ao declínio, canalizando o orgulho popular para seu projeto de reconstrução institucional.

Esse fenômeno insere-se no realinhamento conservador que varre a América Latina. Após anos de governos progressistas marcados por estagnação econômica e criminalidade, o eleitorado redescobriu o valor da ordem, da segurança jurídica e do livre mercado. Do Cone Sul ao ecossistema andino, a nova direita compreende que a soberania exige instituições fortes e alianças estratégicas claras. A proposta de De la Espriella de alinhar a Colômbia à vanguarda diplomática ocidental reflete essa mudança geopolítica, transformando o amarelo da “Tricolor” no emblema visual desse despertar regional.

Para tanto, De la Espriella estruturou uma agenda agressiva de 90 decretos para os primeiros 100 dias, focados em desregulamentação, in-

vestimentos e tolerância zero ao narcoterrorismo. Projetos estratégicos antes paralisados, como a interconexão elétrica com o Panamá, ganham uma urgência que espelha o contra-ataque veloz do futebol. A economia, sob essa ótica, deve funcionar como um meio-de-campo entrosado: menos entaves estatais, passes precisos ao setor produtivo e defesa intransigente da propriedade privada e da segurança pública, garantindo as regras fundamentais para a sociedade prosperar.

Nessa intersecção, futebol e política revelam-se complementares. O desempenho avassalador da seleção no mundial reflete uma nação que redescobriu a disciplina e a mentalidade vitoriosa. O sucesso em campo mostra que o êxito exige liderança firme e planejamento rigoroso — premissas centrais que levaram De la Espriella ao poder. Há uma simbiose psicológica entre a confiança de um povo que vê seus atletas vencerem potências globais e a coragem desse mesmo eleitorado de romper com o marasmo econômico, alimentando mutuamente a glória esportiva e a eficácia governamental.

O reconhecimento dos resultados pela oposição encerra o ciclo de incertezas e abre caminho para a transição. Ao discursar em Barranquilla vestindo orgulhosamente a camisa amarela que a justiça tentou banir, De la Espriella sinalizou o fim da timidez política. A Colômbia entra no segundo semestre de 2026 com os olhos no topo do mundo, acompanhando sua seleção rumo às fases decisivas e monitorando reformas que prometem destravar as forças vivas do país. O milagre colombiano está em campo e nas urnas, resta agora consolidá-lo com a mesma garra demonstrada nos gramados.

EDITORIAL

Os alertas à população com El Niño no inverno

O inverno costuma ser associado a temperaturas baixas e tempo seco em boa parte do Brasil. No entanto, quando o fenômeno El Niño influencia o clima, essa expectativa pode mudar significativamente. O aquecimento anormal das águas do Oceano Pacífico altera a circulação atmosférica e provoca impactos distintos entre as regiões do país. Diante desse cenário, mais do que acompanhar previsões meteorológicas, é fundamental que a sociedade compreenda os riscos e adote medidas preventivas.

Historicamente, o El Niño favorece o aumento das chuvas na Região Sul, elevando o risco de enchentes, deslizamentos e prejuízos à agricultura e à infraestrutura urbana. Ao mesmo tempo, áreas das regiões Norte e Nordeste podem enfrentar redução das precipitações, agravando a seca, comprometendo o abastecimento de água e aumentando a incidência de queimadas. Já no Sudeste e no Centro-Oeste, os efeitos costumam variar, mas podem incluir períodos de calor acima da média para a estação e oscilações climáticas mais intensas.

Essas mudanças evidenciam que eventos climáticos extremos deixaram de ser exceção. A frequência de enchentes, estiagens e ondas de calor reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à prevenção e à adaptação. Investimentos em drenagem urbana, sistemas de alerta, preservação ambiental e planejamento das cidades são medidas que não podem ser adiadas.

Entretanto, o poder público não é o único responsável. A população também desempenha papel decisivo na redução dos impactos. Em áreas sujeitas a alagamentos, é essencial evitar o descarte irregular de lixo, que obstrui bueiros e agrava enchentes. Moradores de regiões de encosta devem estar atentos a sinais de deslizamentos, como rachaduras em muros e no solo, procurando orientação da Defesa Civil diante de qualquer indício de risco.

Nas localidades com tempo seco, a recomendação é economizar água, manter-se hidratado, evitar queimadas e redobrar os cuidados com pessoas mais vulneráveis, como crianças, idosos e indivíduos com doenças respiratórias. A baixa umidade do ar também exige atenção especial, com ambientes umidificados sempre que possível e redução da exposição prolongada ao sol nos períodos mais quentes do dia.

Os possíveis efeitos do El Niño neste inverno demonstram que conviver com as mudanças climáticas exige informação, planejamento e responsabilidade coletiva. Ignorar os alertas significa ampliar prejuízos humanos, econômicos e ambientais. Preparar-se para os desafios impostos pelo clima não é sinal de pessimismo, mas de compromisso com a segurança, a qualidade de vida e o futuro do país.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal